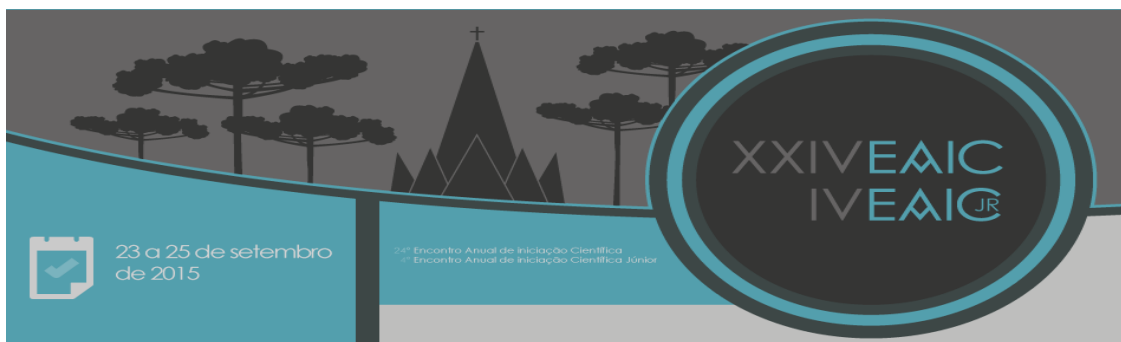




DEUS E NADA NO *MONOLOGION* DE ANSELMO DE CANTUÁRIA

Douglas Chaves de Souza (PIBIC/FA-UEM), Paulo Ricardo Martines (Orientador), e-mail: douglasssabec@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá/Departamento de Filosofia.

Ciências Humanas, Filosofia.

Palavras-chave: Filosofia Medieval, Ontologia, Justiça.

Resumo

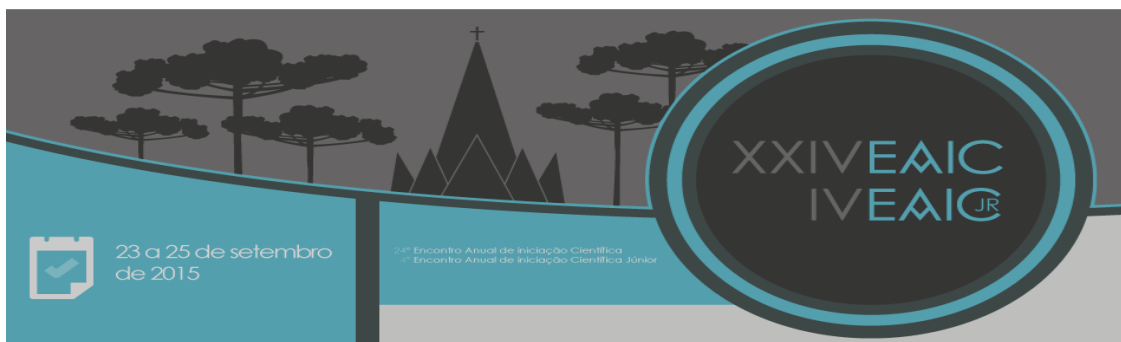
No opúsculo *Monologion*, Anselmo de Cantuária (1033-1109) desenvolve argumentos a fim de explicar a dependência ontológica do universo (criatura) frente a Deus (criador), os conceitos de ser *per se* e ser *per aliud* são fundamentais neste aspecto. As provas da existência de Deus fundamentadas pelos conceitos de *bonum* e *magnum*, bem como as noções tríades de existência ou substância que são centrais, sobretudo, no que tange a estrutura da realidade em si, e servem de fundamento para o conceito de criação a partir do nada (*creatio ex nihilo*).

Anselmo, a fim de defender a concepção de *creatio ex nihilo*, deve refutar as noções de imanente (matéria gerou a si mesma) e de emanção (matéria gerada por outro, mas não criada). Todavia, o argumento de que a matéria é criada a partir do nada, depende da definição dos três modos de **nada** (*nihil*), a saber: o **nada absoluto/eterno**, o **nada lógico** e o **nada relativo/temporal**; sendo este último modo de nada que Deus 'usou' para criar a matéria, o universo.

Portanto, a 'síntese' da criação entre Deus e o Nada dá origem ao mundo que tem seu modo de ser no **tempo e espaço** (*loco vel tempore*), em outras palavras, no devir. Verificar-se-á também a relação que há entre o criador e criatura no que tange ao espaço-tempo, isto é, a conservação ontológica do Deus eterno sobre o devir; uma vez que, se o eterno não sustentasse o ser do ente em devir, este retornaria ao nada ou não-ente.

Introdução

O *Monologion* foi escrito em 1076, e seu objetivo é explicar as coisas acerca da essência de Deus, tal tarefa deveria ser feita sem recorrer à autoridade da Bíblia, mas somente por argumentos lógicos da razão. (ANSELMO. **Monologion - Prólogo**, 1986/1973) Anselmo também diz que seu opúsculo não está contrário à tradição da fé cristã, por isso exorta: "Leia primeiro o tratado *De Trinitate*, do citado S. Agostinho, e, depois, julgue meu



opúsculo segundo essa obra.” (ANSELMO. **Monologion - Prólogo**, 1986-1994; Cf. AGOSTINHO. **A Trindade**, 2007) Portanto, opúsculo de Anselmo pretende por meio dialético demonstrar as verdades acerca de Deus.

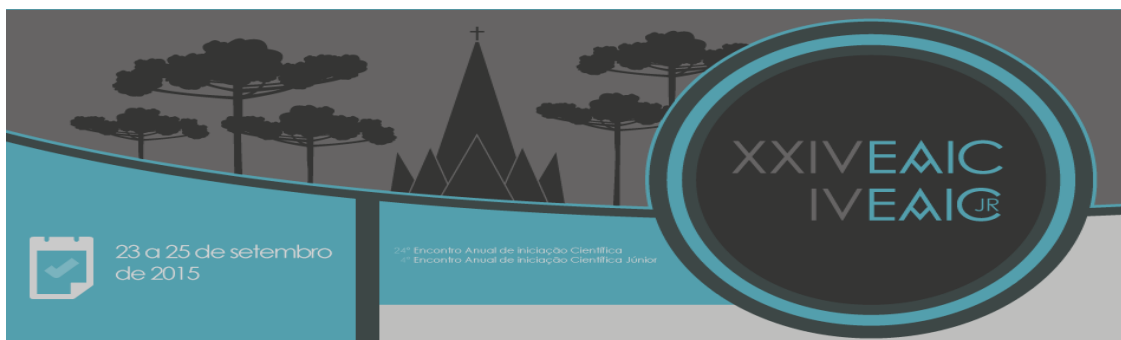
As provas da existência de Deus que Anselmo desenvolve são pautadas em dois princípios categoriais: bondade (*bonum*) e grandeza (*magnum*) dos entes. O filósofo estabelece a pergunta sobre o que determinada a coisa ser boa ou justa e o que poderia fornecer este critério. Segundo Anselmo, somente um ente sumamente bom (*summum bonum*) poderia dar este critério de uma coisa ser justa, pelo fato dos outros entes derivarem a bondade deste ente de maior bondade possível: “De fato, ele é bom por si mesmo, pois todos os outros bens derivam dele. Por isso, conclui-se que os restantes não procedem de si mesmos e, sim, de outro e que ele é o único bem por si mesmo. Mas, o bem que deriva de outro não é igual ao que é bom por si, nem maior do que ele” (ANSELMO. **Monologion - I**, 1986-1994).

Demonstrado a necessidade de haver um primeiro ente que é a própria justiça, bondade ou grandeza, Anselmo faz uma distinção entre este primeiro ente e os demais entes que dele procedem. O ser do primeiro ente é dado por si mesmo (*per se*) enquanto os ser dos demais entes são por outro (*per aliud*), isto é, que o seu ser depende de outra coisa da qual ele mesmo não é: “[...] tudo aquilo que existe por si mesmo ou por outro não pode ter o mesmo modo de existir” (ANSELMO. **Monologion - VI**, 1986-1994).

Assim a natureza suprema existe por si mesma (*per seipsam*) e de si mesma (*ex seipsa*), o filósofo diz que do mesmo modo que a luz ilumina, iluminando por si e de si mesma, a relação que há entre luz, iluminar e iluminando (*lux, lucere et lucens*) é análoga à essência, ser e ente (*essentia, esse et ens*), ou seja, a existência ou subsistência (*existens sive subsistens*) propriamente dita.

Definido a existência real de Deus, Anselmo preocupa-se em investigar como se dá a criação das demais existências, em outras palavras, se a causa eficiente dos entes se deu somente por Deus ou de uma matéria preexistente, em suma, qual a causa do universo: “Não duvido que esta imensa mole de coisas que o universo, com todas as suas partes, seja formado de água, terra ar e fogo. [...] Não é disso que duvido, repito, mas quero saber de onde provém a matéria do universo, da qual estamos falando” (ANSELMO. **Monologion - VII**, 1986-1994).

Procurando desvendar não o que é o universo sendo universo, mas a causa motora dele, Anselmo coloca três hipóteses sobre a causalidade do universo: 1. Somente da própria matéria (imanentismo); 2. Somente da natureza divina (emanação); 3. Do nada. Anselmo defenderá esta última tese, a *creatio ex nihilo*. Assim, a substância suprema juntamente com o nada geraram o universo; mas afinal, que é nada (*nihil*)? O bispo de



Cantuária afirma que há três modos de nada: 1. Nada Absoluto/Eterno; 2. Nada Lógico; 3. Nada Temporal. (Cf. ANSELMO. **Monologion** - VIII, 1986-1994).

O Nada Absoluto/Eterno é daquilo que não existe ou nunca existiu, ou seja, não foi feito; este sentido de Nada não se aplica as coisas feitas, pois nunca foi, não é, nem será. O sentido de Nada Lógico é aquilo que se pode inferir a verdade de existência, porém, de fato, é falsa a existência, isto é, suponho que existe, mas realmente é um não-ente; esta expressão de Nada sempre tem por fim a impossibilidade ou a contradição; Por fim, temos o Nada Temporal que tem o sentido de uma coisa que não existia, e agora existe; ou então, que existia e agora não existe mais; que existe, e não existirá, etc. Em suma, é quando a coisa oscila do nada para a existência ou da existência para nada; é este Nada que Deus 'usou' para criar o universo, pois antes do universo existir, ele não existia, nada era, e presentemente é algum existente.

Com efeito, o universo antes de ser criado não existia, nada era; mas eram na inteligência (*verbum*) da substancia suprema como modelo, e deste são retiradas a imagem e a semelhança (*imago et similitudo*), isto é, a causa formal de ser. Portanto, a substância suprema por conceber no íntimo de sua palavra (*verbum*) as formas dos entes criados por ela a partir do nada (*creatio ex nihilo*), conserva os mesmos entes a fim de que não retornem ao nada. Pois se Deus, não sustentasse o ser do ente, este inexistiria. (Cf. ANSELMO. **Monologion** - XIII, 1986-1994). Logo, a conservação ontológica é necessária para a existência do universo (criatura espaço-temporal). Por conseguinte se admitimos tais provas, infere-se que esta substancia suprema se encontra em todos os entes, pois derivam o ser dela, por ela e nela. (Cf. ANSELMO. **Monologion** - XIV, 1986-1994).

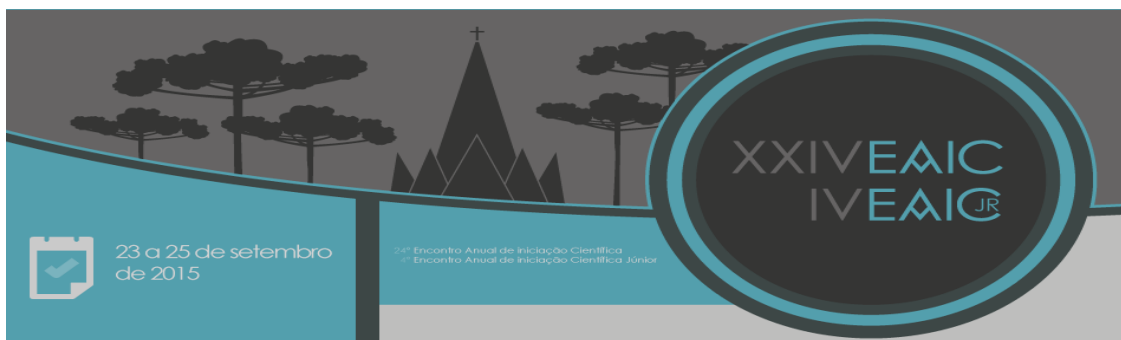
Materiais e métodos

Nossa metodologia de pesquisa está pautada em uma análise histórico-cultural a partir de um *corpus* textual previamente definido (Cf 'Referências'), ou seja, o estudo foi feito mediante leituras e produção de textos.

Resultados e Discussão

O trabalho em Filosofia não possui resultados precisos tal como nas áreas de exatas ou biológicas, por exemplo. Todavia, o quadro conceitual que analisamos por meio da leitura das obras de Anselmo, possibilita maior compreensão de seu sistema filosófico que repercute, teoricamente, na Filosofia Escolástica e Moderna.

Conclusões



Com efeito, Anselmo distingue o modo de ser do criador e da criatura; que a substância suprema que cria é absoluta e eterna *per se*, sempre é presente e não possui mudança no ser; enquanto que no ente criado o ser é relativo e mutável, além de possuir a respectiva existência não *per se*, mas *per aliud*.

Portanto, há uma dependência ontológica do devir em relação a Deus, dependência que não implica em imanentismo, emanação ou mesmo panteísmo, uma vez que o universo é originado por uma *creatio ex nihilo*. Assim, sem a eternidade (presente absoluto) que sustenta o ser criado no tempo-espaço, o devir voltaria ao seu estado de pré-criado, ao próprio nada.

Agradecimentos

Agradeço ao professor Dr. Paulo Ricardo Martines bem como outros professores do DFL-UEM que me auxiliaram no desenvolvimento da presente pesquisa, e também à Fundação Araucária que me contemplou com uma bolsa remunerada.

Referências

S. *Anselmi Cantuariensis Archiepiscopi* – **Opera Omnia**, ad fidem codicum recensuit Franciscus Salesius Schmitt. Edimburg: Thomam Nelson et Filius, 1945-1951. [edição crítica no original em latim]

S. ANSELME DE CANTORBERY. **Monologion**. In.: **L'oeuvre d'Anselme de Cantorbéry**. Sous La direction de Michel Corbin. Paris: Les Éditions du Cerf, 1986-1994. 6 vol. [latim-francês]

ANSELMO. **Monólogo, Proslógio, A Verdade, O Gramático**. Trad. Angelo Ricci e Ruy Afonso da Costa Nunes. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Col. Os Pensadores, VII).

AGOSTINHO. **A Trindade**. Arnaldo do Espírito Santo (org.). Coimbra: Paulinas, 2007.